

Não pode ser vendida separadamente

JORNAL DO BRASIL

Ano 24 - Nº 1.227 - 7 de novembro de 1999

DOMINGO

Os irmãos Leonardo e Oskar Metsavaht esquiavam desde crianças e já foram ao Alasca praticar snowboard



mais **Mulher**

Três gerações de Bernardes

O quente é o frio

Cada vez mais cariocas descobrem os esportes na neve e se tornam fiéis frequentadores de estações de esqui

Os Bernardes

Os projetos preferidos de Sérgio, Cláudio e Thiago, três gerações de arquitetos com o selo modernista

SIMONE RAITZIK

Há quem explique como um dom genético, daqueles cultivados com bom gosto, simplicidade e limpeza de formas. Pode ser. Mas que o sobrenome Bernardes é praticamente um selo de garantia quando o assunto é arquitetura, isso sem dúvida é. E quem assina embaixo é Sérgio, 80 anos, Cláudio, 50, e Thiago, 25 – pai, filho e neto, respectivamente –, um trio de gerações que construiu (e está construindo) uma história muito própria da estética do bem-viver. São autores de projetos com uma linguagem forte, sem vícios, sem excessos – mas cheias de pontos em comum. É impossível não reparar como, entre eles, certos detalhes passam de pai para filho, com orgulho e sem constrangimentos: o que é bom fica e se repete com novas leituras, novos materiais, sempre respeitando o estilo e a época de cada um. Reunidos na casa de Cláudio, eles escolheram para mostrar, nesta reportagem, alguns de seus projetos preferidos, que nasceram clássicos. Uma empreitada das mais difíceis em meio a tantas e tantas ótimas opções.

Para Cláudio foi mais fácil. Ele acabou de rever toda a sua obra – em parceria com Paulo Jacobsen – para preparar o livro *A arquitetura de Cláudio Bernardes*, que vai ser lançado amanhã, no Guimás do Fashion Mall. Ali, em 204 páginas e cerca de 200 fotos (de Tuca Reinés), Cláudio mostrou o que sabe fazer como ninguém: uma total integração com a

natureza, misturando materiais como palha, bambu, madeira, ferro e muito vidro e pedra. “Acho que quando um espaço é bem projetado, ele praticamente não precisa de móveis. Parece que os ambientes e os materiais conversam entre si”, comenta Cláudio, o ponto central das três gerações, que herdou do pai e passou para o filho Thiago uma premissa básica da arquitetura: “A casa parte de dentro para fora. O importante é morar bem; a aparência vem depois.” Mas se esse foi o ponto-chave da arquitetura de Sérgio – em que cada projeto sempre aproveitou ao máximo a luz natural, a situação do terreno e se preocupou com ventilação, com uma estética francamente modernista –, Cláudio sempre foi mais ligado à plástica e à beleza. “Adoro o estilo japonês, com divisórias móveis, leves, e espaços que se abrem e fecham conforme a necessidade do morador.”

É essa inspiração meio oriental, meio brasileira que se vê no ambiente que Cláudio diz ser o preferido do momento: o recém-inaugurado galpão do Garden Center, em São Paulo – destinado a abrigar a parte de jardim da House&Garden –, onde as paredes formam tramas de eucalipto, amarradas



Sérgio (C), o filho Cláudio e o neto...

Fotos de Adryana Almeida



SÉRGIO BERNANDES

A casa feita para Ivo Pitanguy, na Gávea, é um dos projetos preferidos do patriarca e continua com a mesma aparência de quando foi construída, há 39 anos: linhas modernistas com paredes de vidro e muita ventilação



Carlo Wrede

com fios de rede de pescador. “Mais ecologicamente correto impossível. Só uso madeira de reflorestamento”, define. “É um ambiente aberto, amplo, cheio de fontes, de água corrente. As plantas cobriram parte das paredes e quando isso acontece fica como eu gosto: sei que a construção foi aprovada pela natureza.”

Aprovada pela natureza e pelo pai, Sérgio – o *Bernardão*, como é chamado em família –, que desde cedo viu que o filho, invariavelmente, acabaria seguindo seus passos. “No fundo, sei que papai preferia que eu fosse dentista”, brinca Cláudio. “Mas quando viu minhas notas ruins na escola, resolveu me passar uns projetos. Eu, que fui criado cercado por nomes como Niemeyer, Lúcio Costa, Le Corbusier, que iam sempre lá em casa (*a Casa da Memória, na Avenida Niemeyer, projetada por Sérgio e, mais tarde, reformada por Cláudio para o empresário João Roberto*

... Thiago se unem nos traços modernistas e na pesquisa de materiais



Marinho), acabei descobrindo que este também era o meu caminho.” Trabalhou pouco tempo com Sérgio – “Deus me livre, ele é super centralizador!” – e partiu para a *carreira solo*. “Acho que essa separação é inevitável”, afirma, vendo Thiago seguir uma trajetória parecida. “A gente aprende um com o outro, mas tem que se separar para poder crescer, se firmar.”

Cláudio se firmou como um arquiteto marcado pelo experimentalismo e, por conta disso, não chega a ser uma unanimidade. Como nunca se formou em Arquitetura, não assina seus projetos. Há alguns anos, uma casa sua toda em piaçaba em Angra foi totalmente destruída pelo fogo em poucas horas. A prefeitura de Angra, por sinal, costuma implicar com projetos dele. “Depois que essa casa pegou fogo, comecei a repensar a utilização de alguns materiais”, diz.

Acidentes de percurso à parte, Cláudio repete a influência paterna nas linhas retas do modernismo, nos vidros no lugar de paredes, na construção em módulos. É assim a casa escolhida por Sérgio – que ficou (bem) dividido entre o Hotel Tambáú, em João Pessoa, a premiada mansão de Lota de Macedo Soares, em Petrópolis, ou a casa de Nininha Magalhães Lins, na Gávea –, feita por encomenda para a família Pitanguy. Praticamente igual ao desenho que saiu da prancheta de Sérgio, há 39 anos, a casa, em um condomínio no alto da Gávea, ganhou apenas alguns adendos, mas sempre mantendo a fachada e a estrutura originais. “Acho muito difícil mexer nessa casa. Ela é tão bem-sucedida”, elogia Marilu Pitanguy. “Foi construída pensando no nosso clima, se integrando à vegetação e com uma ventilação perfeita. Nunca tive problema de mofo, apesar da umidade. Talvez por isso, em todos esses anos, nunca cogitamos sair daqui”, diz ela, que não desistiu do endereço privilegiado nem quando viu sua bela vista da



montanha ser substituída pela expansão da Rocinha. “O Ivo é apaixonado por esse lugar, todos os nossos filhos moram por perto. Até as pequenas modificações foram feitas por um aluno do Sérgio, o Paulinho Coelho.”

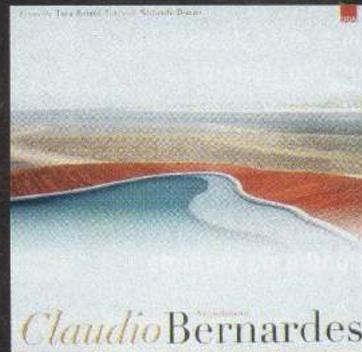
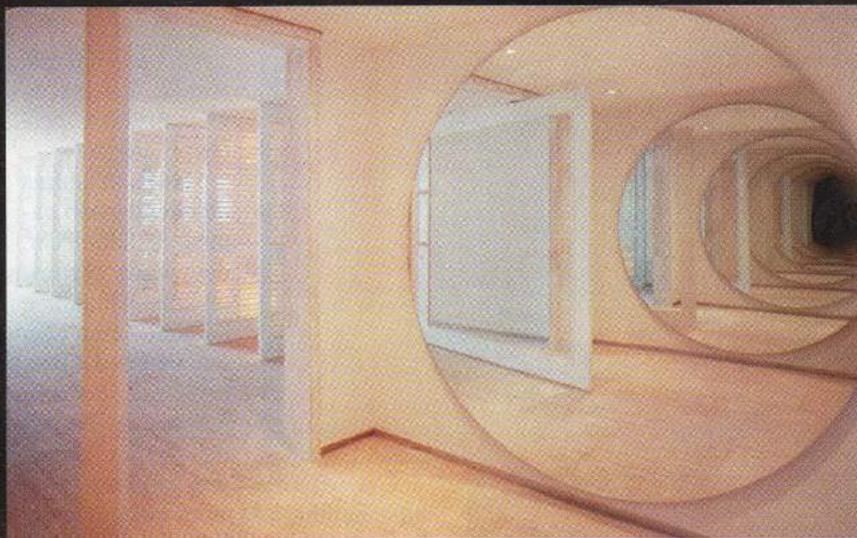
Se hoje há total integração familiar, houve época em que Sérgio e Cláudio andaram meio estremecidos. E as diferenças de estilo de vida começaram a aparecer. O *racha* começou assim que Sérgio se separou da mãe de Cláudio, há mais de 30 anos. “Fiquei super magoado”, lembra

Cláudio, casado há 26 anos com Bebel e *paizão* de três filhos. Já Sérgio casou-se cinco vezes e hoje vive com Kykah Bernardes num apartamento de quarto-e-sala na Barra. “Meu pai, há alguns anos, resolveu seguir um caminho mais conceitual, virou um urbanista. Ele se afastou da prática, entrou nessa viagem intelectual com o Laboratório de Investigações Conceituais, que funcionou lá em casa, na Niemeyer. Com esse nome pomposo é difícil dar resultado, né? Já eu nunca desisti da prática e me sinto



CLÁUDIO BERNARDES

O galpão feito para o Garden Center, da House & Garden, em São Paulo (*foto maior*), mostra claramente uma influência da estética japonesa na trama de eucaliptos arrematados por fios de rede de pescador. “É uma arquitetura integrada à natureza”, define Cláudio, que está lançando um livro para comemorar os 30 anos de carreira (*abaixo*). A Casa da Memória (E), na Niemeyer, construída por Sérgio para sua família e depois reformada por Cláudio, e também o recém-inaugurado apartamento de Caetano Veloso, na Vieira Souto, estão entre os projetos selecionados para o livro



ainda escalando, ainda preocupado em ver resultados, em viver bem.”

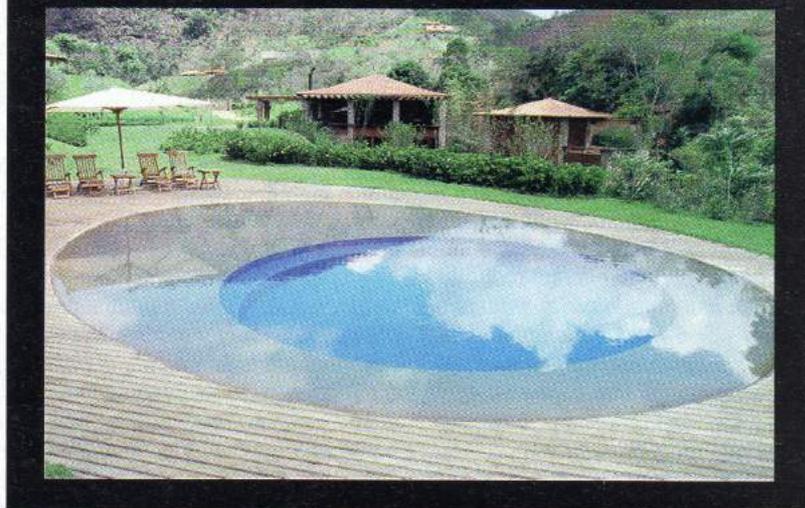
Enquanto Cláudio está lançando um livro para catalogar suas obras, Sérgio detesta saudosismos ou falar do passado. “Nenhuma obra me marcou. Eu que marco todas”, resume ele, que agora está com grande parte de suas plantas e projetos reunidos na Fundação Oscar Niemeyer, uma iniciativa do neto Thiago. Com oito décadas de experiência, o bem-humoradíssimo Sérgio prefere pensar no futuro e nos 1.001 projetos que ainda

têm na cabeça – como criar uma ponte sobre o mar, em curva, onde se enfileirariam edifícios com vista para a cidade. Ou na construção de um prédio de um quilômetro de altura. “Agora que não tenho cliente, tenho liberdade. Estou solto e posso fazer o que quiser”, diz ele. Para Cláudio, liberdade é construir, um dia, uma casa submarina, já que o mar sempre foi sua grande fascinação. “Mas, por enquanto, estou fazendo uma no Itanhangá, toda aberta, e com uma raia para nadar cortando os ambientes.”

Mas integração total existe mesmo entre Cláudio e Thiago, que chegou a trabalhar dois anos com o pai para depois partir para o seu próprio escritório. “O Thiago conhece meu estilo como ninguém. Passei tudo para ele. Íamos juntos visitar todas as obras. Não houve concorrência entre nós, mas cumplicidade”, diz Cláudio, que admite ter pensado, em algum momento, que Thiago seria o herdeiro do seu próprio escritório. “Mas isso é besteira, não existe. Cada um precisa construir a sua histó-

DECORAÇÃO**THIAGO BERNARDES**

Em parceria com Miguel Guimarães, Thiago acaba de finalizar uma casa, em Pedro do Rio, que tem a grife da família: mosaico de pedras revestindo as paredes, grandes portas de madeira e vidro, esquadrias em bambu e eucalipto e teto de esteira de palha na varanda



ria.” Thiago – que divide, há seis anos, o escritório com Miguel Guimarães, outro ex-estagiário de Cláudio – sabe bem da responsabilidade de ter um sobrenome de grife, mas tenta lidar bem com esse talento inato, fruto de tanta observação e convivência. “Às vezes me vejo pensando como meu pai e meu avô e sofro muito para ir por outro caminho. Mas há soluções tão perfeitas que acabo me sentindo no direito de usá-las. Fazem parte, afinal, da minha formação, do meu arquivo”, conta Thiago, que há dois anos foi chamado para reformar a casa que Cláudio construiu para Walter Moreira Salles, na Gávea, toda em estrutura metálica. “Respeitamos a forma original, as

linhas retas, a transparência. Não havia nada em que mexer, só crescer. O conceito é perfeito”, elogia.

Essas misturas de clientes não param de acontecer. O projeto preferido de Thiago e Miguel – uma casa em Pedro do Rio, espalhada por um terreno de 16 mil m² –, por exemplo, foi criado para

uma família que mora em um apartamento feito por Cláudio, na Lagoa. “O Thiago e o Miguel conseguiram dar um frescor a essa mesma linha natural, simples, do pai e do avô”, diz o dono da casa, que prefere não se identificar. Há ali, sem dúvida, um toque de Cláudio e o modernismo de Sérgio. As paredes são revestidas de um mosaico de pedras, os tetos das varandas ganharam o forro de uma esteira de palha e a piscina é quase uma continuação do horizonte. Nada que Cláudio não faria. “Sei que papai aprovou. E sei que se não fossem ele e meu avô dificilmente eu teria tanta facilidade. Cresci cercado de coisas e pessoas boas.” ■